

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): PEDRO JARDEL FONSECA PEREIRA

HISTÓRIA ORAL: UMA METODOLOGIA PARA TRABALHO COM FONTES ORAIS

Introdução

O presente texto é parte de uma experiência inicial de oficinas, aplicadas aos acadêmicos do curso de História e Ciência da Religião como meio facilitador das atividades de pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Estadual de Montes Claros. Propõe-se abordar a história oral como metodologia aplicada em pesquisas com fonte oral. A história oral tem se tornado o foco de discussão por parte de historiadores e outros pesquisadores que tem enveredado pela pesquisa com a fonte oral, considerando a voz dos vários sujeitos da história, suas memórias e histórias de vida.

Material e Métodos

Os autores que abordam a história oral constitui a base teórica dessas oficinas, dentre eles os autores que tem seus trabalhos compilados na obra *Usos e Abusos da História oral* de Janaina Amado e Marieta Moraes e *Manual de História Oral* do professor Jose Carlos Sebe Bom Meihy, dentro outras obras e autores relevantes no assunto. As oficinas são divididas em partes, num primeiro momento é realizada a apresentação do tema, o que é a história oral e as possibilidades de pesquisa que podem ser exploradas. Em seguidas apresentamos os autores e obras, isto é o embasamento teórico que sustenta a história oral. Onde também exploramos outros tipos de fontes como, por exemplo, vídeos. E na ultima parte da oficina, os participantes são orientados a realizar uma atividade prática, sendo esta pensada a partir dos próprios temas de pesquisa dos acadêmicos, a partir do uso da fonte oral. Os resultados são compartilhados pelos grupos com os demais participantes, visando criar um ambiente de trocas e ideias, sugestões e debate.

Resultados e Discussão

Discussão do tema

Nosso objetivo é fomentar a discussão acerca de como aplicar a história oral nos trabalhos de conclusão de curso, provocar os acadêmicos da necessidade de conhecê-la, colocando-os em contato com os autores que trabalham com essa metodologia no Brasil e mesmo em outros países, sobretudo a América latina. Nesse caso, foi importante observar as técnicas utilizadas para realizar uma entrevista, o modo de se comportar diante de um entrevistado, como realizar a transcrição, isto é, noções básicas de como aplicar a metodologia para obtenção de um bom resultado de pesquisa.

Realizando um diagnóstico prévio, detectou-se que, embora muitos acadêmicos e professores trabalhassem com a história oral, utilizando dos autores e obras consideradas de vanguarda nesse assunto, ainda assim, muitos encontravam dificuldades na aplicação da metodologia em questão. Nossos primeiros encontros sobre história oral foram permeados de muitas perguntas, dúvidas e até um certo alívio para muitos que estavam escrevendo, respectivamente, seus trabalhos de conclusão de curso.

O avanço tecnológico e as experiências vividas por combatentes, familiares e vítimas da Segunda Guerra Mundial, possibilitaram uma nova dinâmica na medida em que houve necessidade de obter depoimentos dos mesmos. A história oral surgiu, portanto, nesse contexto, a partir da necessidade de reunir as experiências das vítimas do conflito. É importante ressaltar que a história oral nascida nos Estados Unidos em 1948, se diverge de outros recursos, como a oralidade e as entrevistas. A oralidade foi usada na transmissão das experiências de pai para filho, de geração para geração, e a entrevista também já era utilizada pelos historiadores.

A partir dos encontros e, sobretudo com a criação da Associação Brasileira de História oral (ABHO) que foi efetivada em abril de 1994, os relatos orais de memórias tornaram no Brasil uma referencia importante para os trabalhos de pesquisa nas Ciências Humanas. As primeiras experiências, entretanto, com a história oral, foram bem antes desta data do nascimento da ABHO. Em 1970, o programa da Fundação Getúlio Vargas, do Rio Janeiro, realizou um importante trabalho de cooptar depoimentos da elite politica.

O trabalho com história oral não pode ser compreendido apenas pela possibilidade de colher relatos e depoimentos. A sua função política deve ficar clara e ser evidenciada nos trabalhos que utilizam essa metodologia, pois essa postura politica é a “alma” da história oral, é ela que atribui sentido, não somente aos trabalhos de pesquisa, mas para os que são detentores dos depoimentos e para aqueles que os colhem.

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO · PESQUISA
EXTENSÃO · GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Compreende-se a história oral a partir de três posturas que definem seu status: a primeira advoga ser a história oral uma técnica, gravações, transcrições, aparelhagem de som e conservação de entrevistas e acervos. A chamada história oral não passaria de um conjunto de procedimentos técnicos para a utilização do gravador em pesquisas e para a posterior organização de acervo.

A segunda compreende a história oral como uma disciplina, baseada em argumentos complexos e contraditórios. A história oral como disciplina seria problemática, pois pode deixar de lado a questão da teoria ao tentar encontrar as respostas apenas no âmbito da história oral, o que levaria os trabalhos a ter conclusões óbvias, se limitando a reproduzir as palavras dos entrevistados. As explicações que seriam buscadas no âmbito teórico ficam restritas ao campo metodológico.

E a terceira, que se coloca como defensora da história oral enquanto uma metodologia. Os autores que aqui, fazemos referência, comungam dessa ideia. É exatamente nesta última que centramos nosso enfoque. A história oral, como metodologia ordena os procedimentos de trabalho, tais como os diversos tipos de entrevista, uma delas para a pesquisa; deve-se considerar as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens; as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho, funcionando como ponte entre a teoria e a prática. Este é o terreno da história oral, o que não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar questões; de formular as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história.

Alguns procedimentos são de extrema importância para que as entrevistas sejam realizadas dentro das regras e dos procedimentos científicos, como, a escolha dos depoentes, elaboração do roteiro de perguntas e processos de negociação e condição, como por exemplo, gravar, filmar e fotografar.

O pesquisador ao definir seu tema de pesquisa, e optar pela história oral, ou se ver na necessidade de utilizá-la deve seguir alguns passos. Elaborar as primeiras perguntas possibilitando a confiança do entrevistado de modo a fazer fluir da conversa. Elaborar questões que permitam aprofundar o tema escolhido para a entrevista.

As perguntas devem ser sempre flexíveis, elaboradas anteriormente pelo entrevistador, são apenas um guia. Outros fatores que também devem ser levados em consideração, é o local e horário que são definidos pelo entrevistado. É interessante também se possível, conseguir documentação, como fotos e cartas antigas sobre o tema com o entrevistado.

A transcrição é outro momento importante, onde ocorre a transformação da etapa da gravação oral para o código escrito. Nessa etapa, orienta-se que o próprio entrevistador faça a transcrição. Outro ponto importante sobre a transcrição é estabelecer se a mesma será realizada como foi captada (mantida em sua forma rústica) ou se deve ser corrigida. Neste sentido, admite-se a correção da entrevista, dos vícios de linguagem e erros gramaticais. Admite-se a correção da entrevista, dos vícios de linguagem e erros gramaticais, no entanto. Sugere-se que palavras ou expressões repetidas como “né”, “sabe”, “então”, “dai por diante”, “depois disso” devem ser mantidas em dose suficiente para o leitor sentir o tipo de narrativa ou sotaque. É importante ressaltar também que seja indicado no trabalho, isto é, indique ao leitor que a correção foi realizada. Esta indicação pode aparecer, tanto na introdução do trabalho como no corpo do texto quando for utilizar as entrevistas na pesquisa.

As oficinas de história oral, propostas no meio acadêmico tem preenchido uma lacuna por se considerar um espaço de debate onde as experiências metodológicas encontram eco por se considerarem parte do processo formador. Assim, os objetivos propostos através de oficinas de história oral, têm surtido efeito entre os acadêmicos por se propor servir de ponte entre a teoria e a prática de pesquisa, na medida em que considera as questões e as possibilidades de aperfeiçoamento da prática de pesquisa que lida com a oralidade.

Considerações finais

Tomou-se como referência a esta discussão, a realidade de pesquisa de acadêmicos de vários cursos das Ciências Humanas bem como, seus problemas, limitações e possibilidades quanto ao uso da história oral. Pesquisas com a oralidade tem se tornado rotina. Nada mais salutar, numa região como o norte de Minas, que precisa fazer suas fontes, na medida em que pesquisadores de diversos campos do saber desbravam novas áreas geográficas e novos objetos de pesquisa.

As oficinas de história oral, propostas no meio acadêmico tem preenchido uma lacuna por se considerar um espaço de debate onde as experiências metodológicas encontram eco por se considerarem parte do processo formador. Assim, os objetivos propostos através de oficinas de história oral, têm surtido efeito entre os acadêmicos por se propor servir de ponte entre a teoria e a prática de pesquisa, na medida em que considera as questões e as possibilidades de aperfeiçoamento da prática de pesquisa que lida com a oralidade.

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Realização



Apoio



Este relato pretendeu esclarecer ainda, sobre as potencialidades do uso de técnicas de pesquisa com a oralidade, capaz de oferecer detalhes importantes na obtenção de resultados positivos, se bem utilizados os recursos disponíveis. Pretendeu ainda, possibilitar um entendimento sobre as técnicas e a definição dos instrumentos de pesquisa, tão necessários a um bom inquiridor.

Referencias

ALBERTI, V., FERNANDES, T.M., e FERREIRA, MM., Orgs. *História oral: desafios para o século XXI* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso: 02/09/2016.

JOUTARD, Philippe. *História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*. In: AMADO, Janaina; MORAES, Marieta de (Coord). Usos e Abusos da História Oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. *Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea*. In: AMADO, Janaina; MORAES, Marieta de (Coord). Usos e Abusos da História Oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MATOS, Julia Silveira. ; SENNA, Adriana Kivanski de. *Historia oral como método: problemas e métodos* [online]. Rio Grande. 2011. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395>>. Acesso em: 15/09/2016.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. -5. Ed.- São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEYER, Eugenia. *Balanço e novos desafios*. In: ALBERTI, V., FERNANDES, TM., e FERREIRA, M.M., Orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso: 02/09/2016.

PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum*. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Usos e abusos da história oral/ Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – 8.ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

VOLDMAN, Danièle. *Definições e Usos*. In: AMADO, Janaina; MORAES, Marieta de (Coord.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.